

AS REGIÕES NATURAIS DA BAÍA

(ENSAIO DUMA DIVISÃO)

S. Fróis Abreu

Consultor técnico do Conselho Nacional de Geografia
Secção I — "Metodologia Geográfica"

O estudo da geografia, com as finalidades que hoje todos reconhecem, não pode mais ficar limitado à simples enumeração dos acidentes. O que se procura conhecer em cada região é o conjunto de fatos que lhe dão uma feição especial, permitindo que o homem tire desse panorama de conjunto, consequências uteis para a coletividade.

Assim como o clima é a resultante de todos os fatores meteorológicos, que trazem à região uma certa característica, e não apenas o efeito de temperatura, pressão ou pluviosidade, por geografia de uma região deve-se entender não a simples descrição de rios ou cidades, mas a paisagem natural e cultural que resulta dos acidentes físicos, da natureza do solo, do clima e da atividade do homem.

Fundado nesse conceito, o estudo das diferentes regiões do País requer uma base de conhecimentos do solo, dos acidentes, do clima, da vegetação e da população; mas isso não basta, é apenas a base para o verdadeiro sentido interpretativo da geografia.

Essas idéias não precisam ser explanadas aqui porque já veem tendo ampla divulgação nestes últimos tempos com o número crescente de professores bem enfronhados nos conceitos modernos, vindos sobretudo da França, através da benéfica influência dos professores contratados para as Universidades do Rio de Janeiro e São Paulo.

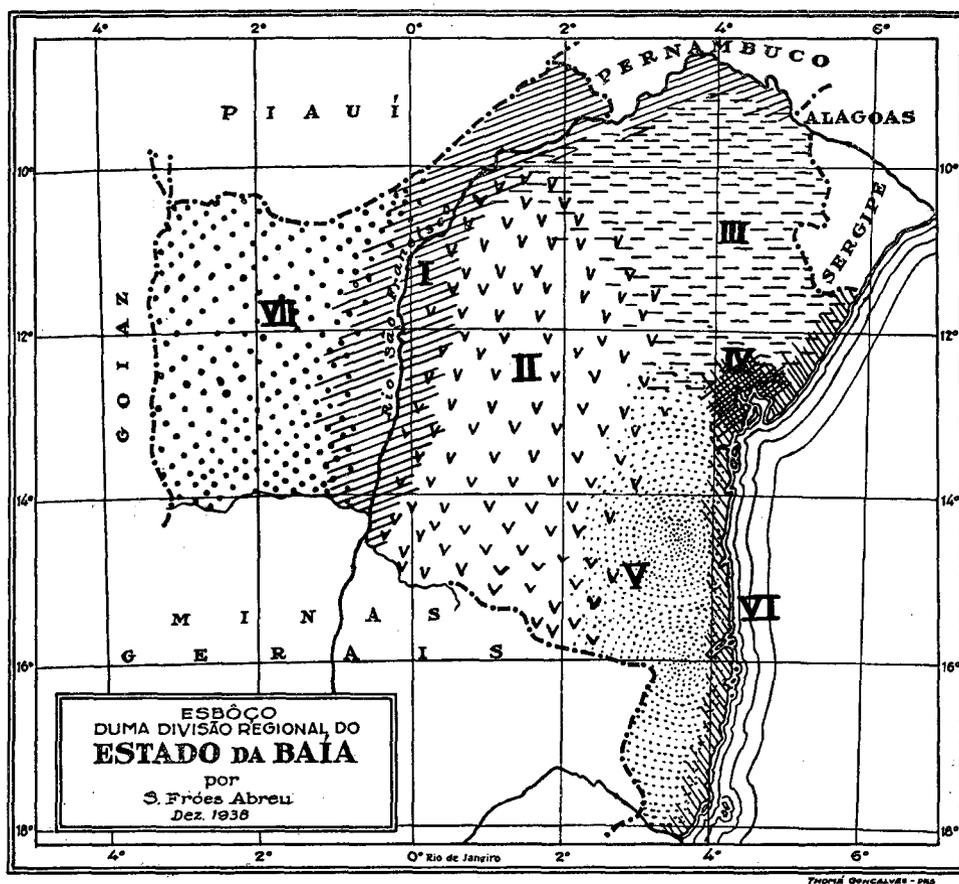
A influência de Deffontaines tem sido altamente util para a nova escola de professores de geografia, agora em formação, e mais que meras opiniões pessoais, os trabalhos nas páginas desta Revista irão atestar a veracidade desse conceito aqui emitido.

Calcado no conceito moderno da divisão regional, pensamos fazer um esboço caracterizando as regiões naturais do Estado da Baía, ainda tão mal conhecido e estudado. De fato, não há compêndios especialmente feitos para uso das escolas primárias do Estado, por onde a infância receba os conhecimentos mais uteis que possam trazer mais tarde uma verdadeira concepção das condições de vida de sua terra. Faltando essas pequenas geografias regionais, sinceras, claras e ao alcance do corpo discente, os alunos são obrigados a decorar trechos dos livros gerais sobre o Brasil, recebendo uma infinidade de detalhes sem importância e sacrificando os conhecimentos básicos sobre as regiões do seu Estado onde com mais probabilidade irão exercer a sua *função geográfica*.

A Baía não é uma unidade geográfica, e dentro dos limites políticos determinados pela evolução histórica, há varias zonas com suas

características geográficas bastante diversas. A diversidade entre o Sul e o Norte, entre o vale do S. Francisco e o Recôncavo são chocantes e mais acentuadas que entre as zonas do Pará e do Acre, de São Paulo e do Rio Grande do Sul.

Não se tem ainda uma geografia da Baía com sua feição moderna, trabalho esse que viria certamente trazer uma util contribuição para a administração pública. Infelizmente, os trabalhos dessa natureza requerem estudos preliminares de natureza regional, ainda raros e pouco completos. De um modo geral, as contribuições antigas prestam



um contingente relativamente pequeno, porque só se preocupam com a natureza descritiva, sem a necessária dosagem e sobretudo sem o espírito interpretativo. Outra grande falha que se encontra na bibliografia geográfica é a falta de fotografias com o senso geográfico.

Nas publicações de propaganda ou nas ilustrações de trabalhos geográficos, na maioria dos casos só aparecem vistas de cidades, de ruas e praças principais, da Matriz, do Teatro ou da Câmara Municipal, porem nada sobre o aspecto geral da topografia, sobre as serras, sobre o tipo de fazendas, sobre as culturas e a vegetação.

Nessas condições, não se encontra ainda material suficiente para a elaboração de uma boa geografia do Estado fundada em trabalhos

regionais. Seria do mais alto interesse estimular esses trabalhos parciais para que se pudesse ir escrevendo, aos poucos, na medida do possível, uma descrição geográfica da Baía que pudesse figurar entre os trabalhos congêneres do estrangeiro.

O presente artigo tem por fim apenas despertar a atenção para um assunto que foi por tantas vezes ventilado nas reuniões da Associação dos Geógrafos Brasileiros.

De uma feita, a pedido do Prof. Deffontaines, fizemos uma ligeira exposição sobre as regiões naturais do nosso Estado natal. Agora, publicamos o resumo dessa palestra, que submetemos à apreciação dos conhecedores da matéria, para que emitam sugestões e desenvolvam o tema.

No dia em que se puder ensinar, nas Escolas da Baía, uma geografia do Estado mais consoante com as verdadeiras condições naturais e humanas, de modo a dar, de fato, uma noção do que é a Baía, o que representa e o que poderá representar, no panorama geral do Brasil, nesse dia os alunos terão mais interesse por essa disciplina, os estranhos olharão com mais simpatia para a terra e os homens de trabalho poderão tirar maiores proveitos das suas leituras.

A base dum bom trabalho sobre a Geografia da Baía é a divisão em suas típicas regiões naturais, uma descrição precisa de cada uma, com seus caracteres mais típicos e uma adequada documentação fotográfica.

Como regiões naturais, já perfeitamente definidas, afiguram-se-nos pelo menos 7, que passamos a enumerar: — 1ª) Vale do São Francisco; 2ª) Chapada Diamantina; 3ª) Sertão do Norte; 4ª) Recôncavo; 5ª) Região florestal do Sul; 6ª) Litoral; 7ª) Planalto do Oeste.

Vale do São Francisco Conquanto apresente algumas diferenças na parte Sul, na Central e na mais do Norte, é uma zona geograficamente caracterizada. O povoamento foi motivado pela presença dum grande rio, atravessando uma região árida. A água fixou o homem nas várzeas úmidas, ótimas para as culturas. O peixe do rio e das lagoas adjacentes, também, constituiu um grande elemento de fixação.

Sua natureza de comunicação entre os adustos sertões nordestinos e as regiões mais amenas do Sul torna-o o corredor interno mais trafegado do Brasil.

O vale do São Francisco tem uma vida própria desde a mais remota antiguidade. Nos tempos coloniais vivia num regime de economia fechada, num verdadeiro regime de autarquia como hoje almejam as grandes Nações. Tinha tudo quanto necessitava, exceto os metais para as ferramentas. Até o sal era explorado no próprio vale, dispensando

o similar retirado do Oceano. O salitre para a pólvora de caça e fogo de artifício vinha da própria região e das vizinhanças na Chapada Diamantina. E' a zona dos palmeirais de carnauba que imprimem à região uma fisionomia especial.

O futuro do vale do São Francisco é uma das grandes preocupações dos dirigentes do País, porem, não obstante muitos projetos, ainda nada de grandioso foi realizado. A navegação ainda é incipiente, as comunicações com o litoral são precárias de modo que a região não pode corresponder às possibilidades que encerra. Sobre o rio São Francisco há um excelente trabalho de Moraes Rego, premiado pela Sociedade Capistrano de Abreu, onde se pinta a geografia física e política do grande rio.

Chapada Diamantina E' a região elevada, no centro do Estado, entre o sulco do São Francisco e as planícies do litoral Atlântico.

A Chapada Diamantina é uma unidade orográfica definida, que prolonga a série de elevações de Minas Gerais, cognominada Serra do Espinhaço.

Observando-se uma carta ipsométrica, nota-se que o nome de Chapada não é bastante próprio; se bem que as elevações tenham antes um carater de chapada, de mesetas, que mesmo de serras agudas.

A Chapada Diamantina encerra regiões semi-áridas, porem, o clima é amenizado pelo fator altitude. E' uma região sem florestas, de solo quartzoso ou calcáreo e de vegetação raquítica e esparsa. São pontos do Estado onde o inverno é rigoroso e onde se torna possível a cultura de cereais e frutas próprias às zonas temperadas, fato importante para a economia do Estado, quando as facilidades de transporte e as condições gerais de cultura e desenvolvimento de atividades o permitirem.

A Chapada Diamantina tem sua região de mineração de ouro e diamantes, contudo, é também zona de criação, de pequena cultura (algodão) e de indústria extrativa vegetal. Com o regime semiárido, com as dificuldades de comunicação, pouco se tem desenvolvido, mas apresenta possibilidades ainda pouco divulgadas.

Os trabalhos de Horace Williams e Padre Torrend, são os melhores documentos para uma geografia desta região natural.

Entre os problemas curiosos da Chapada Diamantina ressaltam o da origem dos diamantes e carbonados, o do ressurgimento da mineração do ouro e o do povoamento atual, em relação com o povoamento na época colonial.

Sertão do Norte Compreende a extensa peneplanície cristalina situada entre o rio São Francisco, o litoral e os últimos contrafortes da Chapada Diamantina.

E' a zona das secas, caracterizada pela irregularidade de precipitações pluviais, pela ausência de rios perenes, pela extrema secura do ambiente, traduzida por uma vegetação de feição especial — a caatinga.

As condições de vida, o tipo do habitante e mesmo a sua personalidade psíquica é toda peculiar ao ambiente. E' a zona do cangaço, da criação segundo as leis da natureza e da menor influência da administração central, devido à segregação do meio imposta pelas severas condições climáticas.

A água é o principal fator de progresso e as maiores aglomerações humanas ficam distribuídas de acordo com a facilidade de obtenção desse produto. A indústria pastoril é a principal atividade; o sertanejo é o criador por excelência (bois e cabras), mas também exerce a pequena cultura, daí a produção algodoeira de quasi todos os municípios do Norte do Estado. A caatinga com a vegetação xerófila, de folhas caducas e com todos os elementos de defesa contra o excesso de evaporação, é a característica florestal da região. As cactáceas são figuras típicas. Não há serras elevadas; na superfície de pouco relevo apenas salientam-se algumas serras desunidas, áridas, inaproveitadas e sem grande significação. A serra da Itiuba, talvez, faça exceção, podendo ser considerada, ainda, um despontamento da Chapada Diamantina.

Recôncavo Sob a designação de Recôncavo entende-se a região em torno da Baía de Todos os Santos, colonizada desde a mais alta antiguidade e sede duma intensa vida agrícola.

E' a região da cultura da cana e do fumo.

No ponto de vista climático é caracterizada por uma intensa pluviosidade nalguns meses do ano (abril a agosto). Topograficamente é uma zona de ondulações suaves nas áreas de solo cretáceo, e pouco mais acidentada nos trechos cobertos pelo terciário. O massapê é o solo típico da cultura da cana; é uma argila resultante da alteração dos folhelhos cretáceos, muito plástica, com boa dose de matéria orgânica e um tanto calcárea.

Na parte oriental e setentrional do Recôncavo predomina o massapê e, conseqüentemente, a cultura da cana; na parte meridional e ocidental predominam os solos arenosos e a cultura da cana aí é diminuta ou nula.

As comunicações marítimas resolvem quasi todos os problemas de transporte no Recôncavo; uma frota de barcos de vela está em constante movimento entre os numerosos portos e a capital, fazendo grande concorrência ao transporte por terra.

No Recôncavo há uma série de atividades condicionadas pelo mercado da capital que se abastece principalmente pela via marítima.

As ilhas, ainda pouco aproveitadas agricolamente, são procuradas para veraneio no rigor do verão (dezembro a março).

A grande indústria açucareira dá ao Recôncavo uma intensa atividade e atrai braços de paragens sertanejas, onde as dificuldades de trabalho são bem maiores.

Região florestal do Sul Compreende a zona situada entre a encosta oriental da Chapada Diamantina e o litoral.

E' caracterizada pelas florestas do tipo da encosta atlântica, que cobrem, quer certos trechos da zona elevada, quer a parte baixa que se prolonga até quasi o mar.

Esta zona poderia ser dividida em duas sub-zonas: a região montanhosa e a baixada. O acesso à região montanhosa se faz através da Estrada de Ferro de Nazaré, via Jequié.

Há uma parte de culturas (café, cereais, algodão) e uma zona de criação. Muitos trechos são semiáridos e representam um prolongamento da zona de caatingas até quasi o sul do Estado. De este para oeste a região vai se tornando menos úmida.

A baixada foi conquistada pelos plantadores de cacau. Em toda a zona florestal a umidade é intensa, as precipitações são abundantes, passando de 2.000 m/m na faixa plana e diminuindo gradativamente para o interior até a zona de Condeuba, seca como o Sertão do Norte.

A zona úmida do Sul tem seu limite setentrional em Nazaré, onde já começam as feições típicas do Recôncavo.

Litoral Compreende como região natural apenas a faixa quilométrica ao longo da costa, onde o homem vive influenciado pelo mar. E' a região dos pescadores e dos marítimos, que fazem a vida nas frotas de veleiros que põem os numerosos portos do litoral em contacto com a capital.

E' a zona das fazendas de coco onde o trabalho é quasi nulo e o homem se torna indolente.

No litoral distinguem-se três tipos de costa: — ao norte da Capital; dunas muito altas, movediças e barreiras mais para o interior; no mar, o cordão de recifes com as entradas difíceis nos portos. Entre a Baía de Todos os Santos e Maraú, o litoral é muito fragmentado, denunciando grandes perturbações tectônicas. De Valença a Maraú, há muitas ilhas cosidas ao litoral, dele separadas por sulcos profundos, que permitem a formação de bons portos. As curvas batimétricas aí nesse trecho indicam uma fossa abissal ao longo da costa e uma grande elevação pouco mais para oeste. Ao sul de Maraú o litoral quasi não tem acidentes, e segue sensivelmente a direção do meridiano.

A plataforma litorânea é larga; o litoral é concordante e à larga baixada interior corresponde uma zona de pequena profundidade que se estende por algumas milhas mar a dentro. A costa apresenta barreiras com sua escarpa vermelha, rósea ou salpintada; em muitos pontos a praia é negra pela presença de areias monazíticas e ilmeníticas.

Uma série de lagoas e furos formam quasi um sistema hidrográfico paralelo à costa. Viaja-se *por dentro*; assim se vai em pequenas canoas de Belmonte a Canavieiras e daí até Una.

Planalto do Oeste Compreende toda a região situada a W. do vale do São Francisco, formada por um planalto que se vai elevando gradativamente para o Espigão Mestre.

E' uma zona de campos-gerais já com as feições típicas do planalto interior de Goiaz.

A circulação é feita ao longo dos rios — Rio Grande, Rio Preto, Rio Formoso, — que afluem para o São Francisco. O povoamento é muito escasso, a exploração florestal e a criação são as atividades principais. As florestas ocupam os vales dos rios e a vegetação xerófila cobre as chapadas.

Pela posição geográfica é uma das zonas menos favorecidas, é também uma das menos conhecidas. O clima é semiúmido, e a maior parte do solo é pouco acidentada, sendo representada pelos chapadões cretáceos que chegam até à escarpa abrupta do Espigão Mestre e pela formação calcárea do vale do São Francisco.

Essa divisão regional, aqui apenas esboçada, não tem ainda seus limites rígidos, por falta de observações locais. E' possível que esse esboço receba críticas de conhecedores do assunto que venham esclarecer melhor certos pontos, indicar limites e criar novas regiões que não foram aqui caracterizadas.

Provavelmente, haverá zonas de transição que mereçam destacadas, como a região da Baixa Grande, Itaberaba e Rui Barbosa, que não é bem Sertão do Norte, nem a Chapada, nem a região Florestal. Casos congêneres hão de aparecer e exigir estudos.

O presente artigo tem por fim chamar atenção para esse tão curioso problema das divisões regionais do Brasil e focalizar, em especial, o caso da Baía, sugerindo críticas construtivas da parte dos que já palmilharam aquele Estado, observando o meio e sentindo sua influência sobre o Homem.

RESUMÉ — RESUMEN — RIASSUNTO — SUMMARY — ZUSAMMENFASSUNG — RESUMO

L Auteur, qui est Conseiller Technique du Conseil National de Géographie (Section I — méthodologie géographique), commence l'article en faisant des considérations générales sur le sens complexe que l'on donne actuellement à l'idée de région naturelle, en géographie.

Connaissant bien l'Etat de Baía, l'une des 22 unités politiques du Brésil, il présente un essai — qui ne se trouve encore qu'en forme de première ébauche — de division régionale de l'Etat.

Il distingue dans l'Etat, sept régions naturelles définies, à savoir :

I. *La Vallée du São Francisco* — région semi-aride, traversée par une grande rivière, dont les eaux fixent l'Homme, en lui permettant de faire sur ses bords de la culture agricole et en lui procurant le poisson pour son alimentation;

II. *Le Plateau de Diamantina* — région centrale élevée, un peu aride, mais dont le climat amenié par l'altitude, permet l'élevage et la culture de produits de la zone tempérée;

III. *Sertão* (Brousse) *du Nord* — région qui s'étend sur une vaste "presque-plaine" cristalline, zone de sécheresse, caractérisée par des pluies irrégulières et rares, par des rivières non pérennes, par une végétation xérophile typique, la "caatinga".

IV. *Reconavo* — région tout au tour de la Baía de Todos os Santos, jouissant d'une pluviosité prononcée, sol typique appelé "massapé" (argille glaireuse), très densément peuplée, ayant une intense culture de canne à sucre et de tabac, et dont les communications se font par la voie maritime;

V. *Région forestière du Sud* — région humide (2.000 mm.), recouverte d'une forte végétation, exploitée pour les cultures (cacao, café, céréales, coton) et pour l'élevage;

VI. *Littoral* — région au long de la côte, douée de plages et de sables, ou l'occupation prédominante est la pêche;

VII. *Plateaux de l'Ouest* — région élevée, peu accidentée, douée de champs appropriés pour l'élevage climat semi-humide, très dépeuplée, et où la circulation se fait surtout sur les rivières.

El Autor, que es Consejero Técnico del Consejo Nacional de Geografía (sección I — metodología geográfica), empieza el artículo haciendo consideraciones generales sobre el complejo concepto que actualmente se da, en geografía, a región natural.

Conocedor del Estado de Bahía, una de las 22 unidades políticas en que es dividido el Brasil, el Autor presenta un ensayo de división regional del Estado, todavía en carácter de primer bosquejo.

Distingue en el Estado siete regiones naturales definidas, a saber:

I. *Vale del São Francisco* — región semi-árida, atravesada por un grande río, cuyas aguas fijan el Hombre, proporcionándole la cultura agrícola en sus márgenes y el pescado para su alimentación;

II. *Mesa Diamantina* — región central elevada, un poco árida, pero, cuyo clima amenizado por la altitud, comporta la crianza y la cultura de productos de la zona temperada;

III. *“Sertão” del Norte* — región sobre una vasta peneplanicie cristalina, zona de las sequías, caracterizada por lluvias irregulares y escasas, ríos non perennes, vegetación xerófila típica, la “caatinga”;

IV. *“Reconcavo”* — región al redor de la bahía de Todos os Santos, dotada de accentuada pluviosidad, suelo típico llamado “massapé” (Arcilla pegajosa), densamente poblada, con intensa cultura de cana y tabaco, servida de comunicaciones marítimas;

V. *Región florestal del Sur* — región húmeda (2.000 mm.) revestida de fuerte vegetación, explotada para culturas (cacao, café, cereales, algodón) y para la crianza;

VI. *Litoral* — región al longor de la cuesta, dotada de playas y arenas, donde predomina la pesca;

VII. *Planaltos del Oeste* — región alta, poco accidentada, dotada de campos adecuados a la crianza, clima semi-húmedo, muy despoblada, donde la circulación se hace sobretodo por los ríos.

L'autore, che è consultore tecnico del Consiglio Nazionale di Geografia (Sezione I.^a — metodologia geografica), principia l'articolo facendo considerazioni generali sopra il complesso concetto moderno di regione naturale in Geografia.

Conoscitore dello Stato di Bahia, una delle 22 Unità politiche in cui si divide il Brasile, l'autore presenta un saggio della divisione regionale di esso Stato, ancora con carattere di primo abbozzo.

Distingue nello Stato sette regioni naturali distinte e cioè:

I. *Valle del S. Francesco* — regione semi arida, attraversata da un grande fiume, le cui acque fissano l'Uomo, rendendogli possibile la cultura agricola lungo le rive e fornendogli il pesce per l'alimento;

II. *Pianura Diamantina* — regione centrale elevata, un poco arida, pero amena per causa dell'altitudine, permette l'allevamento del bestiame e la cultura dei prodotti della zona temperata;

III. *“Sertão” del Nord* — regione costituita da un esteso altipiano cristallino, zona delle secche, caratterizzata da piogge irregolari e scarse, corsi d'acqua non perenni, vegetazione xerofila tipica a “catinga”;

IV. *“Reconcavo”* — regione attorno Bahia de Todos os Santos, dotata di piovosità accentuata, suolo tipico, detto “massapé”, con popolazione densa ed intensa cultura di canna da zucchero e di tabacco e con comunicazioni marittime;

V. *Regione forestale del Sud* — regione umida (2.000mm/m) rivestita di vegetazione robusta, messa a colture agricole (cacao, caffè, cereali, cotone) ed a pascoli;

VI. *Littorale* — regione lungo la costa, dotata di spiagge sabbiose, dove predomina la pesca;

VII. *Altipiano ovest* — regione elevata, poco accidentata, con campi adatti all'allevamento del bestiame, con clima semi umido, scarsa popolazione, con comunicazioni specialmente fluviali.

The Author, who is Technical Counsellor to the National Council of Geography (Division I — geographic methodology), begins the article by making general remarks on the present-day sense attributed to the idea of natural region, in geography.

Well acquainted with the State of Bahia, one of the 22 political units in which Brasil is divided, the Author presents an outline of the regional division of the State, this outline being still in the form of a rough sketch.

He distinguishes in the State seven well defined natural regions, viz:

I. *The São Francisco Valley* — semi-arid region, crossed by a great river, the waters of which retain Man, inasmuch as they allow him to cultivate the soil along the river banks and at the same time provide him with fish for his nourishment;

II. *The table-lands of Diamantina* — an elevated and some-what arid central region, where the climate, rendered milder by altitude, allows cattle breeding and the cultivation of products of the temperate zone;

III. *The “Sertão” (Wilderness) of the North* — a region situated in a vast crystalline plain, zone of drought, characterized by irregular and rare rains, by non-perennial rivers and by typical xerophilous vegetation, the “caatinga”;

IV. *The “Reconcavo”* — a region around the bay of Todos os Santos, — presenting a very high rainfall and having a typical soil called “massapé” (sort of slimy clay) — densely populated, with intensive culture of sugar cane and tobacco, and served by sea-routes;

V. *The Forest Region of the South* — a damp region (2.000 mm.) covered with strong vegetation, used for various plantations (cocoa, coffee, cereal and cotton) and for cattle breeding;

VI. *The Coast* — a region along the coast, provided with beaches and sands, where fishing predominates;

VII. *The Table-Lands of the West* — an elevated region, with few accidents, provided with fields for cattle breeding, having a semi-damp climate, and using chiefly river routes.

Der Verfasser, welcher technischer Berater des Nationalen Geographierates (1. Abteilung — Geographische Methodik) ist, bringt in seinem Aufsatz zunächst Betrachtungen allgemeiner Art über den gegenwertigen umfangreichen Begriff “natürliche Region” in geographischer Hinsicht.

Als Kenner des Staates Bahia, einer der 22 politischen Einheiten Brasiliens bringt der Verfasser, zunächst in Form eines ersten Entwurfs, den Versuch einer regionalen Einteilung des Staates.

Er unterscheidet im Staate die folgenden sieben natürlichbestimmten Gebiete:

I. *Das Tal des São Franciscoflusses* — ein halbtrockenes Gebiet, das ein grosser Fluss durchschneidet dessen Gewässer den Menschen örtlich binden. Sie gestatten ihm die land-wirtschaftliche Bearbeitung der Ufer und liefern ihm Fische zur Ernährung;

II. *Das Hochplateau Diamantina* — ein hochgelegenes zentrales Gebiet, das etwas trocken ist, dessen Klima aber durch die Höhe gemässigt ist und Viehzucht und den Anbau der Erzeugnisse der gemässigten Zone gestattet;

III. *Das unbebaute Gebiet (“sertão”) des Nordens* — ein Gebiet, welches sich über eine ausgedehnte steinige Ebene kristallinen Charakters dahinzieht, ist das Durregebiet, welches sich durch unregelmässige und spärliche Niederschläge, versiegende Flüsse und die typische Trockenvegetation der Heide (“caatinga”) auszeichnet;

IV. *Die Einbuchtung (“reconcavo”)* — das Gebiet rings um Bahia de Todos os Santos, das eine hohe Niederschlagsmenge, den typischen, sogenannten “massapé”-Boden aufweist, dicht bevokert ist und starken Zuckerrohr — und Tabakanbau besitzt, und sich der Wasserwege bedient;

V. *Das Waldgebiet des Sudens* — ein niederschlagsreiches (2000 mm) Gebiet, bedeckt mit üppigem Pflanzenwuchs und land-wirtschaftlich (Kakao, Kaffee, Getreide, Baumwolle) sowie für die Viehzucht erschlossen;

VI. *Das Küstengebiet* — der Streifen Landes langs der Küste, der Strand und Sanddunen aufweist und wo Fischfang getrieben wird;

VII. *Die Hochebenen des Westens* — ein hochgelegenes, wenig gegliedertes Gebiet, das geeignete Weidegründe zur Viehzucht besitzt, halbfeuchtes Klima, spärliche Bevölkerung, Verkehr vor allem auf den Flussläufen aufweist.

La aŭtoro, kiu estas Teknika Konsilisto de la Nacia Konsilantaro de Geografio (Fako I — geografia metodologio), komencas la artikolon farante ĝeneralajn konsiderojn pri la aktuala malsimpla koncepto pri natura regiono ĉe Geografio.

Bone konante Ŝtaton Baía, unu el la 22 Politikaj Unuoj, en kiuj estas dividita Brazilo, la aŭtoro prezentas provojn pri regiona dividado de la Ŝtato, ankoraŭ kiel unuan skizon.

Li distingas en la Ŝtato sep definitajn naturajn regionojn, nome :

I. *Valo de Sankta Francisko* — duonsenakva regiono, tra kiu fluas granda rivero, kiu fiksas la Homon, faciligante al li la kampokulturon sur la bordoj kaj la fiŝoj por nutrado;

II. *Ebenajo Diamantina* — alta centra regiono, iom senakva, kun klimato mildigita de la marrilata alteco, ebligas la bredadon kaj la kulturadon de produktoj el la mezvarma zono;

III. *Norda Internlando* — regiono sur vasta kristala duonebenajo, senpluveca zono, karakterizita de neregulaj kaj malabundaj pluvoj, elĉerpeblaj riveroj, tipa maldensarbareta vegetaĵo — la “caatinga”;

IV. *Golfetĉirkaŭo* — regiono ĉirkaŭ la golfeto de Ĉiuj Sanktuloj, dotita de intensa pluvemeco, tipa alkaleca grundo, nomata “massapé”; densa loĝantaro, kun intensa sukerkan-kaj tabakkulturo, kie oni uzas marajn komunikilojn;

V. *Suda arbara regiono* — malseka regiono (2.000 mm.), vestitaj de forta vegetaĵo, ekspluata por kulturoj (kakao, kafo, cerealoj, kotono) kaj por bredado;

VI. *Marbordo* — regiono laŭlonge de la marbordo, dotita de sablobordoj, kie superas la fiŝkaptado;

VII. *Okcidentaj altebenajoj* — alta regiono, malmulte malebena, dotita de kampoj taŭgaj por bredado, duonmalseka klimato, kun maldensa loĝantaro, veturado precipe tra la riveroj.